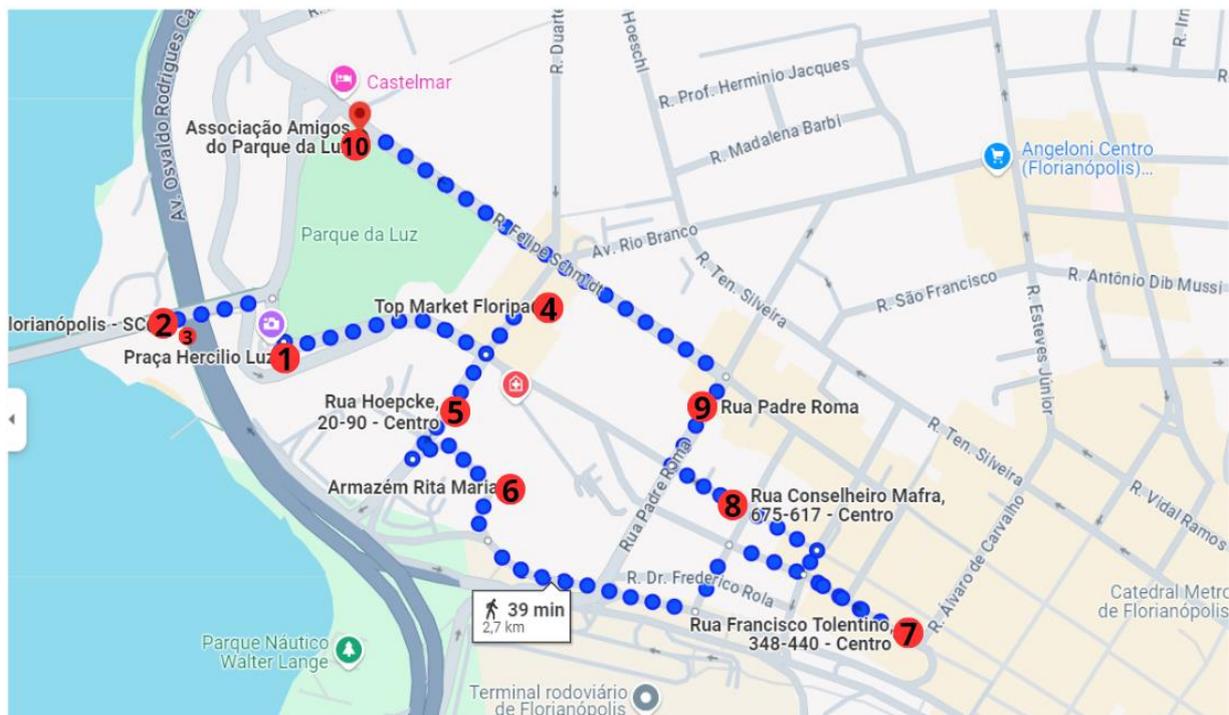


Caminhadas com a História - Indústria, comércio e mundo do trabalho nos arredores do Parque da Luz

Pesquisa e redação: Lev Tavares¹
Supervisão e revisão: Janice Gonçalves²

Roteiro da caminhada

O roteiro da caminhada “Indústria, comércio e mundo do trabalho nos arredores do Parque da Luz” tem como ponto de partida e de chegada o Parque da Luz, em Florianópolis. Com o roteiro, propõe-se um percurso que promova reflexões sobre aspectos da história da cidade naquela área — mais especificamente, sobre o desenvolvimento de atividades comerciais e industriais nas proximidades do Parque da Luz e sobre a presença de trabalhadores, com ênfase em suas relações com o antigo porto.



1. Monumento a Hercílio Luz (Praça Hercílio Luz, em frente ao Parque da Luz). **2.** Ponte Hercílio Luz. **3.** Área do antigo Estaleiro Arataca (avistamento a partir da Ponte Hercílio Luz). **4.** Fábrica de Rendas e Bordados. **5.** Residências operárias. **6.** Fábrica de Pontas e Fábrica de Gelo. **7.** Rua Francisco Tolentino. **8.** Rua Conselheiro Mafra. **9.** Rua Padre Roma. **10.** Sede da Associação de Amigos do Parque da Luz.

¹ Discente da graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina e bolsista do programa de extensão “Rede SPECULA: patrimônio cultural em Santa Catarina”.

² Docente do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina; coordenadora do programa de extensão “Rede SPECULA: patrimônio cultural em Santa Catarina”.

1. Monumento a Hercílio Luz (Praça Hercílio Luz) (ponto de partida)

A praça, o monumento nela instalado e a ponte próxima homenageiam o engenheiro e político que, nascido na capital de Santa Catarina, foi figura destacada nas três primeiras décadas republicanas. Hercílio Pedro da Luz (1860-1924) assumiu funções junto à municipalidade de Florianópolis, atuou como senador e esteve à frente do governo do estado (como governador ou vice) em três diferentes ocasiões. Sua morte, em outubro de 1924, interrompeu o último mandato como governador, previsto para ser encerrado em setembro de 1926. Algumas das obras iniciadas na sua última gestão estadual ganharam seu nome, como, na capital, a avenida que canalizou o rio da Bulha (inicialmente prevista para ser chamada Avenida do Saneamento) e a ponte ligando a ilha de Santa Catarina ao continente (que foi projetada para ser denominada Ponte da Independência).

Inaugurado em 12 de outubro de 1936, no mesmo local onde se encontra, o monumento foi instalado a partir de iniciativa da “Comissão Pró-Monumento Hercílio Luz”, integrada por Cid Campos, Henrique Fontes, Wanderley Junior, Carlos Corrêa, Antero de Assis, Abílio Mafra e Pedro Cunha. Com base de granito, o monumento apresenta, em sua parte superior, escultura em bronze representando Hercílio Luz; outros elementos em bronze também compõem a base.

2. Ponte Hercílio Luz

Até o início do século XX, a conexão entre a Ilha de Santa Catarina e o continente dependia de barcos e barçaças, o que, em condições adversas para a navegação, dificultava o acesso à ilha e a comunicação com as instâncias governamentais instaladas na capital. Isso gerava pressão para a transferência da capital para o continente. Na década de 1920, na gestão do governador Hercílio Luz, a solução buscada foi a construção de uma ponte, cuja realização envolveu a tomada de vultuosos empréstimos, da parte do governo estadual, assim como a abertura de concurso internacional para apresentação de projetos. O projeto adotado, coordenado pelos engenheiros estadunidenses David B. Steinman e Holton D. Robinson, concebeu uma ponte pênsil com barras de olhal de aço (quando o mais usual, à época de construção, seriam cabos de aço). A construção ficou a cargo da empresa Byington & Sundstrom, que por sua vez contratou duas empresas estadunidenses para o desenho dos componentes e a fabricação da estrutura metálica (as empresas United States Steel Products Company e American Bridge Company); o material foi transportado por navios até o Brasil.

Pouco antes de sua morte, o governador Hercílio Luz, bastante doente, fez, em 8 de outubro de 1924, a inauguração simbólica da ponte, atravessando uma réplica de madeira. A ponte foi inaugurada em maio de 1926. A corrosão dos materiais e a conseqüente falta de segurança levaram à interdição da ponte em 1982; foi liberada para trânsito de pedestres e veículos leves, em 1988, mas novamente interditada em 1991. Após longo processo de restauração, foi reaberta ao tráfego em 30 de dezembro de 2019.

Considerada a distância entre as cabeceiras, a Ponte Hercílio Luz mede 821 metros, tendo vão central de 339 metros; suas torres metálicas têm 74 metros de altura. Por suas características singulares, foi protegida por tombamento em nível municipal (1992), estadual (1997) e federal (1998).

3. Estaleiro Arataca (visto a partir da Ponte Hercílio Luz)

O Estaleiro Arataca foi fundado por Carl Hoepcke em 1907, situado na praia do Arataca, nas proximidades do Forte Santana e da atual cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz. O projeto original, do engenheiro alemão von Ockel, previu galpões, oficinas, depósitos e uma casa. O estaleiro veio a ocupar uma área de 15.000 metros quadrados, que além daquelas construções contava com uma rampa para o lançamento de navios ao mar. Em 1952, o estaleiro empregava aproximadamente 150 trabalhadores especializados em reparos e construção naval. O local era conhecido pela produção de veleiros destinados a regatas oceânicas e pela manutenção da frota náutica de Carl Hoepcke.

Com a desativação do porto e o aterro da Baía Sul, a atividade do estaleiro perdeu sentido e cessou em 1964. As edificações ganharam vários usos comerciais, até 2008, quando o governo do estado teve a iniciativa de desapropriar a área, o que não foi efetivado, dando início a um longo processo judicial envolvendo o poder público estadual e os proprietários do imóvel. Devido ao péssimo estado de conservação, a maior parte dos prédios do antigo estaleiro foi demolida em 2014, restando apenas o que antes havia sido uma oficina, a sede da administração e uma pequena casa para uso de trabalhadores. Em 13 de agosto de 2024, ocorreu a demolição das ruínas do Estaleiro Arataca, a pedido do Ministério Público de Santa de Catarina, que alegou risco de desabamento dos prédios restantes.

4. Fábrica de Rendas e Bordados (atual Top Market)

No início do século XX, a economia de Florianópolis girava em torno do porto, de pequenas indústrias e do setor de serviços e comércio, que era bastante atrelado à atividade portuária. O bairro Rita Maria se destacava como centro portuário e industrial, com a maior concentração de trabalhadores especializados da cidade. Além disso, na área central havia trabalhadores da construção civil, atraídos pelas grandes obras de saneamento básico, modernização urbana e, principalmente, pela construção da Ponte Hercílio Luz, realizada entre 1922 e 1926.

Localizada no alto da Rua Hoepcke, a Fábrica de Rendas e Bordados foi fundada em 1º de outubro de 1913 por Ricardo Ebel, que no empreendimento contou com Carl Hoepcke e outros parceiros. A fábrica contribuiu para o desenvolvimento da indústria têxtil em Santa Catarina, apesar de Florianópolis estar distante do centro tradicional de produção têxtil do estado (na região do Vale do Rio Itajaí). A partir de 1917, a empresa passou a se chamar "Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke, Irmão e Cia. de Florianópolis", pois Carl Hoepcke adquiriu a participação dos outros sócios.

Em suas primeiras décadas, a fábrica teve muitas funcionárias, várias delas menores de idade. Os registros do Juizado de Menores de Florianópolis indicam que a Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke era uma das principais empresas empregadoras de menores, que buscavam autorização para trabalhar. Devido à falta de qualificação técnica formal, baixa escolaridade e ocupação em atividades manuais, as jovens trabalhadoras tinham seu trabalho pouco valorizado, o que resultava em salários mais baixos.

A Fábrica de Rendas e Bordados ganhou reconhecimento nacional por sua produção de alta qualidade, que foi premiada em diversas ocasiões. Em 1979, fechou as portas em seu endereço inaugural e mudou-se para o bairro Roçado, em São José (Grande Florianópolis). Segue funcionando até a atualidade e conta com uma loja *online*.

Em 30 de dezembro de 1986, foi decretado pelo município o tombamento do conjunto arquitetônico do bairro Rita Maria, que envolveu, entre outras edificações, as fábricas de Carl Hoepcke. Recentemente, a área da Fábrica de Rendas e Bordados passou por processo de restauro e revitalização, vindo a abrigar o Top Market, centro comercial com estabelecimentos voltados predominantemente para a gastronomia.

5. Residências operárias/ Vila operária (Rua Hoepcke)

O conjunto de residências operárias foi estabelecido após a instalação da Fábrica de Pontas Rita Maria, em 1896. Naquela época, sua localização (na travessa Vitorino Menezes, atual Rua Hoepcke) não era considerada ideal para moradias, por sua proximidade do cemitério público e da usina de incineração de lixo. Íngreme e rochosa, a área era pouco ocupada; no entanto, à medida que a cidade crescia, e especialmente após a inauguração da Ponte Hercílio Luz (em maio de 1926), foi gradualmente integrada à vida urbana.

Entre 1945 e 1960, como consta nos registros de funcionários, muitos deles moravam no atual Estreito (na área continental), alguns no Morro da Cruz ou em outras áreas distantes das fábricas. Segundo relatos de trabalhadores e trabalhadoras que atuaram nas fábricas na década de

1940 e que residiam em outros locais, havia dificuldades para chegar ao trabalho devido aos poucos horários de ônibus; alguns demoravam até duas horas nesse deslocamento, tendo que percorrer o trajeto a pé. Poucos funcionários das fábricas Hoepcke residiam nas casas operárias da Rua Hoepcke; eram funcionários homens, especializados no maquinário fabril, o que pode sugerir o interesse em acioná-los rapidamente em caso de problemas técnicos na produção. No entanto, o vínculo entre a habitação e o emprego poderia fazer com que os funcionários não se sentissem à vontade para expressar queixas ou insatisfações com o local e as condições de trabalho, favorecendo, com isso, um maior controle por parte do empregador.

6. Fábrica de Pontas e Fábrica de Gelo

Em maio de 1896, o empresário e imigrante alemão Carl Hoepcke inaugurou uma fábrica de pregos, a Fábrica de Pontas Paris, mais tarde conhecida como Fábrica de Pontas "Rita Maria", situada no bairro homônimo. Poucos anos depois, em 1903, como parte do complexo fabril Hoepcke, foi instalada ao seu lado uma fábrica de gelo. O propósito da fábrica de gelo era duplo: atender à demanda por bebidas refrigeradas e fornecer gelo para o armazenamento de cargas nos navios da empresa. Isso possibilitava o abastecimento tanto das embarcações quanto de indústrias e residências próximas.

A partir da década de 1950, a produção da fábrica de pontas começou a declinar. É possível que esse declínio se deva aos efeitos da Segunda Guerra Mundial, que afetou os imigrantes alemães, suas famílias e seus negócios, tornando-os alvos de retaliações e boicotes. No segundo semestre de 1980, a Fábrica de Pontas tinha apenas 58 máquinas registradas; pouco tempo depois, foi desativada e grande parte de seu maquinário foi descartado em ferros-velhos.

Quanto à Fábrica de Gelo, em 1968 passou a ser conhecida como Frigoríficos Hoepcke Ltda., adotando a estrutura de uma sociedade por quotas, que em 1970, ao se desmembrar, transformou-se em uma Sociedade Anônima (S/A).

7. Rua Francisco Tolentino (Rua da Figueira)

A formação da rua ocorreu em 1838, com o aterro da Praia da Figueira. Antes dessa intervenção urbanística, os estabelecimentos comerciais e residenciais situados na área estavam posicionados diretamente em frente ao mar, sendo resguardados por uma barricada rudimentar que frequentemente demandava manutenção.

Análises das edições de *O Jornal do Comércio*, entre 1880 e 1885, indicam que a Rua da Figueira apresentava uma atividade comercial diversificada. O jornal informa sobre a presença de estabelecimentos voltados para a venda de produtos alimentícios, serviços de tinturaria e lojas de ferragens. Além dos anúncios comerciais, no periódico apareceram ofertas de imóveis à venda na mesma rua. Adicionalmente, há registros da abertura, na mesma localidade, de uma casa de jogos de azar, na época denominada "víspora".

8. Rua Conselheiro Mafra (Rua Altino Correia)

O percurso entre o Forte Santana e os trapiches do porto era possível por meio de um caminho simples, que conectava toda a região da Baía Sul. No século XIX, a via acompanhava a orla e era delimitada por muralhas e molhes, que passavam constantemente por aprimoramentos. O primeiro aterro significativo foi realizado em 1868. Em 1928, com a realização de novos aterros e outras obras, a via passou a se conectar à Rua Francisco Tolentino, em decorrência das intervenções na Colina da Vista Alegre, onde atualmente se encontra o Parque da Luz.

Análises de fontes jornalísticas do período entre 1880 e 1920, particularmente os jornais *O Jornal do Comércio* e *O Estado*, de Florianópolis, revelam que a rua oferecia uma ampla gama de serviços de hotelaria, bem como a comercialização de móveis e vestuário. Além disso, registros

indicam a presença de uma cervejaria artesanal e a venda de elixires destinados à cura de diversas enfermidades. A rua se mantém como importante centro comercial, na capital, com diversidade de lojas, produtos e serviços.

9. Rua Padre Roma e o Figueirense F.C.

O Figueirense Football Club foi fundado em 1921, por iniciativa de Trajano Margarida (jornalista bastante envolvido com a área cultural de Florianópolis) e Jorge Albino Ramos (barbeiro que era dono de um salão no bairro da Figueira). Nas proximidades, especificamente na Rua Padre Roma n. 27, Ulisses Carlos Tolentino cedeu sua residência para a realização da reunião que oficializaria a fundação do “Figueira”. É interessante ressaltar que o time foi fundado a partir de aspirações e conversas na barbearia de Jorge Albino Ramos, bastante frequentada por trabalhadores e comerciantes da região. Trajano Margarida, por sua vez, foi um dos fundadores do Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, que se pretendia uma associação exclusiva de “homens de cor”.

Malvisto pelas elites locais no século XIX e inícios do XX, o bairro da Figueira foi muitas vezes alvo de políticas higienistas. Mas a fundação do clube contribuiu para que o bairro passasse a ser melhor visto pela população em geral.

Em 1960, a sede do clube foi transferida para um terreno no bairro Estreito, no continente; o terreno foi doado por Orlando Scarpelli, cujo nome foi atribuído ao estádio do time de futebol.

10. Associação de Amigos do Parque da Luz

O local onde está o Parque da Luz já foi conhecido como Morro do Barro Vermelho, Colina da Vista Alegre, Morro (ou Monte) de Rita Maria e Morro do Vieira. A primeira construção conhecida naquela área foi uma chácara, de propriedade de José Vieira de Castro; a chácara foi desapropriada e, em 1840, o terreno foi destinado à construção de um cemitério público municipal.

Note-se que, desde 1828, uma lei imperial havia estabelecido como atribuição das Câmaras Municipais deliberar sobre “o estabelecimento de cemitérios fora do recinto dos templos”, em acordo com “a principal autoridade eclesiástica do lugar”. Por motivos de higiene, se passou a proibir que os fiéis fossem sepultados dentro de igrejas e capelas. O cemitério, inaugurado em 1841, tinha uma parte reservada a católicos e outra a protestantes – sendo muitas vezes referido como “cemitério alemão” – e, ainda, parte dos jazigos era destinado a indigentes.

Ao menos desde a década de 1880, os jornais registraram reclamações de moradores sobre o cemitério e demandas para removê-lo. No jornal *O Correio da Tarde*, de 12 de março de 1884, um cidadão denunciou o mau-cheiro (que o vento espalhava) e relatou que um corpo jazia em uma cova rasa, o que indicava a má execução dos serviços do coveiro. Além disso, o presidente da província, em 1887, também alertou sobre a contaminação do lençol freático. Outro elemento da discussão era a localização do cemitério, na entrada da cidade, o que causaria impacto negativo em quem chegava na capital. A ideia de remoção do cemitério já existia, mas foi realizada apenas na década de 1920, incitada também pela construção da Ponte Hercílio Luz, cuja cabeceira ficaria apoiada naquele morro.

A remoção do cemitério começou em 1923: os corpos eram exumados a partir de pedidos de familiares e então realocados para o novo cemitério da cidade, localizado no Itacorubi, que manteve uma área à parte para os protestantes. As exumações se estenderam por quase 10 anos; nos jornais da época, se encontram registros de chamadas para a exumação e prazos para a remoção dos corpos.

Com a transferência do cemitério, a área onde se situa o Parque da Luz se tornou um descampado que, segundo notícias veiculadas em jornais, entre as décadas de 1930 e 1980, se tornou um local propício para pequenos crimes, como furtos e afins. Ao longo do tempo, houve

várias propostas de uso do espaço: em 1933, foi discutida a construção de um quartel federal (o que não se consolidou); em 1957, foi lançado um concurso para a concessão do terreno para a construção da Estação Rodoviária de Florianópolis (o que também não se efetivou: como alertou um arquiteto, o trânsito na área se tornaria difícil e com muitos engarrafamentos); em 1973, foi concedida a permissão para construção de uma torre de transmissão da rádio Guarujá.

Ao menos desde a década de 1970 circulava a ideia de criação de um parque naquele local. O jornalista Beto Stodieck, por exemplo, em um dos textos de sua coluna no jornal *O Estado*, em 1976, indicou a necessidade de um espaço de lazer para as crianças da capital.

De acordo com a Associação dos Amigos do Parque da Luz (AAPLuz), o Movimento Parque da Luz teve início em 1985, a partir de discussões informais entre amigos. No ano subsequente, o movimento foi formalmente estabelecido. Em 1997, foi fundada a Associação Amigos do Parque da Luz, com o objetivo de preservar a área verde e fomentar um sentimento de comunidade. Para isso, a associação passou a promover diversos eventos culturais na área. Em 1999, diante da ameaça iminente de construção de um grande hotel naquele local, a AAPLuz organizou uma petição que arrecadou 10 mil assinaturas em apoio à preservação do local como área de lazer para a coletividade. Esse esforço resultou na promulgação da Lei Complementar n. 051/99, que oficializou o local como área de lazer. Em 2009, o nome "Parque da Luz" foi oficialmente adotado por meio de uma nova lei.

Referências

ALICERCES da memória: 60 bens tombados pelo Estado de Santa Catarina. Florianópolis: Tempo Editorial, 2003.

ALMANACH CATHARINENSE. Desterro, 1896.

BRASIL. **Lei de 1º de outubro de 1828.** Dá nova forma às Câmaras Municipais, marca suas atribuições e o processo para a sua eleição, e dos Juízes de Paz. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado dos Negócios do Império, 1828. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-1-10-1828.htm Acesso em: 06 ago. 2024.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCHE, Karla Leandro. Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do Figueirense Foot-ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951). **Vozes - Pretérito e Devir**, Florianópolis, v.5, n. 1, p. 99-121, 07 fev. 2016.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um cemitério:** a transferência do cemitério público de Florianópolis (1923-26). 2004. 78 f. TCC (Graduação em História) - Udesc, Florianópolis, 2004.

COLLAÇO, Vera Regina Martins. **O Teatro da União Operária:** um palco em sintonia com a modernização brasileira. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História de Florianópolis - ilustrada.** 3. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

CORREIO DA TARDE. Desterro, Santa Catharina, 12 mar. 1884.

CORREIO DA TARDE. Desterro, Santa Catharina, 25 jun. 1884.

FILGUEIRA, Bianca Melyna. Uma guerra longe do front: reflexos da política de nacionalização em Florianópolis durante a segunda guerra mundial. **Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 59-69, 25 jun. 2008.

FIORIN, Evandro; RODRIGUES, Mara Regina P.; LARIVE-LÓPEZ, Enrique. El paisaje de la producción marítimo-industrial en Florianópolis: el Astillero Arataca, patrimonio y proyecto. **Mix Sustentável**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 69-79, mar. 2024.

FLORIANÓPOLIS. Lei Complementar nº 51, de 27 de dezembro de 1999: Classifica como parque, a área verde de lazer - AVL situada na cabeceira insular da ponte Hercílio Luz e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**, Florianópolis, dez. 1999.

FLORIANÓPOLIS. Lei nº 8017, de 23 de outubro de 2009: Fica denominada Parque da Luz a Área Verde de Lazer (AVL) aprovada pela Lei Complementar nº 001 de 1997 e pela Lei Complementar nº 296 de 2007, classificada como parque de bairro, de acordo com a Lei Complementar nº 051 de 1999, situada na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz, delimitado pelas ruas Felipe Schmidt, Assis Chateaubriand e alameda Adolfo Konder, conforme delimitação no mapa, anexo, bairro Centro, nesta Capital. **Diário Oficial do Município**, Florianópolis, out. 2009.

JORNAL DO COMMERCIO. Santa Catharina, 15 jul. 1882.

JORNAL DO COMMERCIO. Santa Catharina, 1 ago. 1883.

JORNAL DO COMMERCIO. Santa Catharina, 7 set. 1883.

JORNAL DO COMMERCIO. Santa Catharina, 23 out. 1883.

JORNAL DO COMMERCIO. Santa Catharina, 8 jul. 1884.

JORNAL DO COMMERCIO. Santa Catharina, 8 mai. 1885.

KREMER, Roberta. Estaleiro Arataca, um dos locais históricos de Florianópolis, é demolido. **ND Mais**, 26 ago. 2024. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/estaleiro-arataca-um-dos-locais-historicos-de-florianopolis-e-demolido/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

LEAL, Vivian. Estaleiro Arataca começa a ser demolido e afeta trânsito na entrada de Florianópolis. **ND Mais**, 26 ago. 2024. Disponível em: <https://ndmais.com.br/transito/estaleiro-arataca-comeca-a-ser-demolido-e-afeta-transito-na-entrada-de-florianopolis/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

LIRA, Regina Wagner Cizerio. **O cotidiano de trabalho**: operárias da fábrica de rendas e bordados hoepcke entre os anos de 1913-1924. 2018. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ufsc, Florianópolis, 2018.

MACHADO, Míriam Karla. **Morrer em Desterro**: a criação do Cemitério Público em 1841. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - UFSC, Florianópolis, 2012.

MATOS, Felipe. Mulheres operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke: memória, trabalho e cotidiano. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - SANTA CATARINA, 19, 2022, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: ANPUH-SC, 2022. p. 1-10.

MATTOS, João Baptista de. **Os monumentos nacionais – Sta. Catarina**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1948.

O ESTADO. Florianópolis, 13 mai. 1915.

O ESTADO. Florianópolis, 6 fev. 1915.

O ESTADO. Florianópolis, 6 jul. 1916.

O ESTADO. Florianópolis, 15 jan. 1920.

O ESTADO. Florianópolis, 1 out. 1936.

O ESTADO. Florianópolis, 27 mai. 1976.

PONTE VIVA [Site eletrônico]. Patrimônio. Disponível em: <https://ponteviva.pmf.sc.gov.br/patrimonio.html>. Acesso em: 26 ago. 2024.

REIS, Sara Regina Poyares dos; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e; KLUG, João. **Carl Hoepcke: a marca de um pioneiro**. Florianópolis: Insular, 1999.

RENGEL, Simone Aparecida. **“Proletários de todos os países, uni-vos em Cristo”**: trabalhadores católicos e o Círculo Operário de Florianópolis (1937-1945). 2009. 174 f. Dissertação (Doutorado em História) - UFSC, Florianópolis, 2009.

SILVA, Tatiana Cristina da. **Centro histórico de São José (SC): patrimônio e memória urbana**. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis, 2006.

SOUZA, Alcídio Mafra de. **Guia dos bens tombados – Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1992.

SOUZA, Jéssica Duarte de. Habitação em Florianópolis: os/as trabalhadores/as da vila operária Hoepcke (1945-1960). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, Criciúma, v. 6, n. 10, p. 115-124, 2020.

TEIXEIRA, Luana. Associativismo negro em Florianópolis na década de 1920. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, RS, v. 19, n. 37, p. 164-190, jan./jun. 2020.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis - memória urbana**. 2. ed. rev. ampl. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.

VIVA A PONTE [Site eletrônico]. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/vivaaponte>. Acesso em: 26 ago. 2024.